

“ENCAIÇARAMENTO”: DISPERSÕES DA CULTURA POPULAR EM NOVOS ENCANTOS PELA AMAZÔNIA

“ENCAIÇARAMENTO”: DISPERSIONS OF POPULAR CULTURE IN NEW CHARMS BY THE AMAZON

Ericky da Silva Nakanome / UFAM

Adan Renê Pereira da Silva / UFAM

RESUMO

O texto apresenta relações entre o Festival de Parintins e outras manifestações populares amazônicas: ciranda manacapurense, peixe-boi airãoense e Festribal de Juruti. Esforçamo-nos por falar de algumas “dispersões” das/nas festas amazônicas, destacando aquelas com as quais mantemos contatos “mais de perto”, por meio da metodologia (auto)etnográfica. Elegeram-se três recortes para análise, quais sejam, o elemento alegórico, um item feminino e os animais-totem. Os resultados conduziram a um neologismo, o “encaaçaramento”, intuindo destacar processos *sui generis* que acontecem na região amazônica e apontam para uma autonomia que se faz depois do atravessamento pelo molde bumbalesco. A contribuição parintinense torna-se uma “passagem” que auxilia a construção de festas tão ricas, singelas e potentes voltadas a um povo “sedento” por cultura popular.

PALAVRAS-CHAVE

Arte; Boi-bumbá de Parintins; Cirandas de Manacapuru; Ecofestival do Peixe-Boi; Festribal de Juruti.

ABSTRACT

The text presents relations between the Parintins' Festival and other popular amazonian manifestations: "ciranda manacapurense", "manatee airãoense" and Juruti's Festribal. We endeavor to talk about some "dispersions" of / in the Amazonian festivals, highlighting those with whom we have "closer" contacts, through the (auto) ethnographic methodology. Three cuts were chosen for analysis, namely, the allegorical element, a female item and the totem animals. The results led to a neologism, the "encaaçaramento", intending to highlight sui generis processes that take place in the Amazon region and point to an autonomy that takes place after crossing through the "bumbalesco" mold. The parintinense contribution becomes

a “passage” that helps the construction of parties so rich, simple and powerful aimed at a people “thirsty” for popular culture.

KEYWORDS

“Manacapuru’s Ciranda”, Manatees’ Eco-festival; Juruti’s Festrival.

Introdução

Saudades. Paisagens. Artes. Três palavras que nos inquietam quando da escrita desse texto. Frutos de nosso tempo e nosso espaço, deparamo-nos com a pandemia de Covid-19. Enquanto o mundo assiste atônito um vírus circular por suas entranhas, matando, prendendo ou levando embora sonhos de diferentes povos e culturas, criando intim(id)ações para uma nova realidade, a “parte” amazonense desse mundo sente a primeira palavra em toda a plenitude que comporta: “saudades”. Estávamos em junho na ocasião dessa escrita, época em que as festas estariam em pleno vapor na criação e execução, sob as bênçãos de Santo Antônio, São Pedro e São João. Saudades: dos ensaios, das expectativas, dos amores, das rivalidades!

Paisagens. Se não podemos viver, passamos a rememorar as imagens das luzes, dos cantos, das cores, dos desafios e das “pavulagens”¹. Ficam as paisagens dos “bois de pano”, das praias airãoenses, de tomar tacacá admirando o pôr do sol amazônico, da visão do banho do Miriti que precede a chegada ao “Parque do Ingá”, palco iluminado manacapuruense.

Artes. Palavra no plural que fala do diverso, do inexplicável, daquilo que foge ao racional e que só se entende emocionando-se, afetando-se. Artes que fazem o percurso no formato da boiúna, que singram os rios caboclos, que poetizam tipos humanos e ambientes. “Amazonização” que bebe nas fontes parintinenses e se ramifica. Encontros a que a ANPAP nos convida depois de refletirmos nossas origens.

Por meio destas notas, introduzimos nosso esforço para falar de algumas “dispersões” nas festas populares amazônicas, destacando três principais com as quais mantemos contatos “mais de perto”, partindo do Festival Folclórico de Parintins: o Festival de Cirandas de Manacapuru, o Ecofestival dos Peixes-Boi de Novo Airão e Festrival de Juruti. O universo das festas amazônicas é bem maior do que essas que citamos, mas, pelos limites de um artigo científico, debruçamo-nos sobre estas, de forma a refletir sobre rizomas² entre estes “mundos”. A pergunta que nos conduz é: como o Festival de Parintins espraia-se pela realidade da cultura popular amazônica e dialoga com as demais festas?

O recorte metodológico é o da vivência, obtido por meio dos diálogos entre os autores deste artigo entre si e com outros “fazedores”, variando entre uma proposta etnográfica clássica – de passeio pelas teias da cultura, entre sentidos e significados que permitem visualizá-las e compreendê-las (GEERTZ, 1989) – e da autoetnografia (ARRUDA, 2004), por falarmos dos processos criativos de que pessoalmente participamos.

Artes que se encontram: festivais (que) se apresentam para gente que se alegra

Na base da cultura popular amazônica, a pluralidade. Boi-bumbá, ciranda, peixe-boi, tribos emocionam pela gente que participa, sendo nas torcidas, nas danças ou nos ritmos. Um conjunto com o povo e para o povo que, de tanto gostar, costuma desenvolver manifestações próprias em seus territórios municipais. Assim, o coletivo de “festas populares” torna-se riquíssimo. Nas palavras de Silva e Castro (2018, p. 83-84):

Apenas para exemplificar a expressiva quantidade de festas populares, a-temos aqui a mostrar algumas delas classificadas como “expressões culturais” no Amazonas: boi-bumbá de Parintins, Cará de Caapiranga, Peixe-Boi de Novo Airão, Cirandas de Novo Aripuanã, Minifestival da cidade de Manacapuru (com disputa também de cirandas), Boi-bumbá de Nova Olinda, Boi-bumbá de Fonte Boa, entre muitas outras que existem não só no interior, como também na capital.

Poderíamos expandir a lista com festas que ocorrem em outros estados do norte, como o Çairé, no Pará, o Festival de Caracará, no sul de Roraima, e a lista não pararia de aumentar. O “pioneiro” neste formato de disputas certamente é o parintinense, cujos bumbás foram fundados em 1913, conforme discursos de ambas as agremiações. Ao chegarem no Amazonas, Roque Cid e Lindolfo Monteverde nos dariam dois “presentes de santo”. Posteriormente, Caprichoso e Garantido passariam a encantar o mundo.

Se é na concretude do que faz o artista que a arte se apresenta (GOMBRICH, 2013), apresentamos parte das manifestações da cultura popular - em ordem temporal - saindo de Parintins e abrangendo Manacapuru, Novo Airão e Juruti.

Ocorrendo geralmente no fim de junho e início de julho, o Festival Folclórico de Parintins recebe maciça visitação nacional e internacional. Retrato multiétnico, destaca contribuições de europeus, negros e índios, com foco para a “caboclitude” que resulta dos elementos. A peça protagônica é o boi-bumbá: Garantido e Caprichoso disputam entre si pela vitória, revivendo o “auto” da morte e ressurreição do boi (BRAGA, 2002).

No Amazonas, especula-se que os bois chegaram por intermédio de negros maranhenses que migraram durante o período áureo da borracha. Pelo lado do boi Garantido, o criador teria sido Lindolfo Monteverde, pelo do Boi Caprichoso, Roque Cid. Os primeiros registros existentes do boi-bumbá na cidade de Parintins aparecem no raiar da primeira década do século XX, difundidos na oralidade popular e traduzidos em inúmeras versões no decorrer do tempo (NAKANOME; SILVA, 2019).

O elemento indígena ganha preponderância, mesclando-se a figura “romântica” com os debates mais atuais de visibilidade e protagonismo. Em 2019, o líder indígena Davi Kopenawa discursou durante uma das noites da festa. Os bumbás também vêm dando centralidade para as raízes afro (NAKANOME; SILVA, 2019) procurando enfatizar a perspectiva decolonial de uma proposta ousada de arte.



Figura 1. Davi Kopenawa em noite de apresentação do Caprichoso, ladeado por Ericky Nakanome, presidente do Conselho de Artes, Edmundo Oran, apresentador, e o pajé Netto Simões, 2019. Fotografia, 10 x 14 cm. Foto: Aleilson Cruz.

Para Assayag (1995, p. 26), o festival parintinense:

É sobretudo uma festa de integração onde parintinenses e visitantes nivelam-se, social e espiritualmente, numa harmonia abençoada por Tupãs de todos os credos. É um ponto de encontro regional de amigos e parentes que há muito não se viam. É a alegria de um povo insular, criativo e cooperativo, que vibra ao se comunicar com o estrangeiro que vem nos visitar.

O autor está chamando atenção para a plena emoção que o folguedo desperta, extrapolando a esfera do “lógico”. É neste viés que se pode ver o fenômeno artístico em toda sua força, ao se intuir a arte como um elemento que foge plenamente do racional, mesmo que se explique em algum sentido por ele (COLI, 1995).

Para se deslocar de Manaus a Parintins, o meio de transporte mais popular é o barco. Já de Manaus a Manacapuru, após inauguração da Ponte sobre o Rio Negro, o acesso é por via terrestre. Peguemos então uma “lotação”³ e partamos para a “terra das cirandas”, Manacapuru.

A “Princesinha do Solimões”, como carinhosamente é chamada a cidade, comporta a disputa entre três agremiações: a Ciranda Flor Matizada, a Ciranda Tradicional e a Ciranda Guerreiros Mura. Esta também é a ordem de criação: da pioneira Flor Matizada, passando pela “irmã do meio” – a Tradicional -, chegando à “caçulinha” Guerreiros Mura. Silva e Bentes (2018, p. 15-16) fazem as apresentações:

A Ciranda Flor Matizada, nos tons lilás e branco, é a ciranda do Centro. Seu galpão localiza-se quase ao lado do Parque do Ingá (local onde as cirandas se apresentam). Reivindica para si a tradição de pioneira. Estrofes como “nosso povo/nossa dança/minha cultura vou mostrar/essa é nossa ciranda/tradição de Manacá” deixam transparecer que a antiga Ciranda do Nazaré faz questão de se fincar no lugar que almeja como seu: o de berço das cirandas manacapuruenses. A segunda a nascer, a Tradicional, localiza-se no bairro da centenária festa de Santo Antônio, razão de ser do seu nome (Tradicional, como a festa). Pauta-se pela manutenção de temas que versem sobre a localidade, sobre Manacapuru. Nas cores vermelho, dourado e branco, é que mais “sofre” para chegar ao Parque do Ingá com suas alegorias, motivo que lhe rendeu o epíteto de “Ciranda Fundo de Quintal”. Entretanto, em meio às diversidades, a antiga Ciranda do Seffair propicia agradáveis espetáculos, com suas temáticas voltadas à própria história da Princesinha do Solimões. Fechando a tríade, eis a Ciranda do Povão: Guerreiros Mura da Liberdade. Oriunda do bairro da Liberdade, antigo Chaparral, a Ciranda faz questão de reivindicar sua humildade, denominando-se, além de “Ciranda do Povão”, como “pitiús”, “ciranda do Chaparral”, entre outras denominações. Nas cores azul, vermelho e branco, as origens remontam ora à bandeira do Amazonas, ora às antigas fardas das escolas estaduais [...]

A origem da ciranda remonta a Portugal. No Amazonas, como preleciona Nogueira (2008), ela também remeterá a seringueiros nordestinos que aqui chegaram (como o fora com o boi-bumbá) na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. No interior do estado, o primeiro destaque cirandeiro será Tefé (a 200 quilômetros de Manacapuru), especialmente no solo fértil das escolas públicas. Se os bumbás remetem a 1913, Nogueira (2008) evoca o registro de Mário Andrade de 1927, durante viagem do folclorista pelo Solimões, para localizar no tempo o fenômeno cirandeiro. Andrade se depara com personagens do imaginário local, batizando a manifestação de “Ciranda Amazônica” e identificando-a como a junção de várias danças e cordões de bichos.

Se em 2019 o Festival Folclórico de Parintins completa mais de 30 anos de apresentações de arena - no bumbódromo -, em Manacapuru, a ciranda se instala por volta de 1980, por intermédio do professor José Silvestre do Nascimento e Souza e da professora Maria do Perpétuo Socorro de Oliveira, convidados pelo então prefeito Pedro Rates, pelo fato de terem se tornado referências em Manaus e em Tefé no que tange à ciranda. Eles passaram a organizar um festival que acontecia no aniversário da cidade, 16 de julho (NOGUEIRA, 2008). Em 1997, a Prefeitura de Manacapuru patrocinará o primeiro Festival de Cirandas de Manacapuru.



Figura 2. Apresentação da Ciranda Flor Matizada, consagrando-se tetracampeã com o tema "Poranduba". Em destaque na alegoria, Fernanda Sabóia, porta-cores, 2018. Fotografia, 10 x 13,5 cm. Foto: Jornal Acrítica.

Debruçando-nos sobre o Ecofestival de Novo Airão, tem-se que, quase pareado, em termos temporais, com o Festival de Cirandas, as fontes escritas sobre a festa são escassas. Em formato parecido com os dos outros festivais, espetacularizado e em local específico, a primeira apresentação na "Lagoa dos Peixes" (local da apresentação, tal qual o são "bumbódromo" e "cirandódromo") ocorre em 1993. Recebendo influências também do Festival do Peixe Ornamental de Barcelos (uma das famílias constituidoras da agremiação Peixe-Boi Anavilhanas é natural de Barcelos), a festa é marcada pelas cores verde e preta (Jaú) e verde e branca (Anavilhanas). Conforme falas do vice-presidente do Peixe-Boi Jaú e também artista, Carlos Maciel Filho, em 1989 já havia festival, mas ainda não como nos moldes atuais.

Silva e Oliveira Júnior (2019) registram que, no formato inicial, vários grupos se apresentavam, com danças que chegaram a incluir um boi-bumbá, o Mina de Ouro. À época, políticos pediram que fosse feita uma competição específica, o que coincidiu, por exemplo, com o já criado Parque Nacional do Jaú e uma percepção mais aguçada do potencial do arquipélago de Anavilhanas. Com a ameaça de extinção do peixe-boi, gerada pela matança do animal, o foco passou a ser as duas agremiações. Elas, como se pode perceber, carregam o nome dos dois Parques.



Figura 3. Deus Mauá (um dos itens da festa) do Peixe-Boi Jaú em competição no ano de 2006.
Artista de fantasia: Aroldo Júnior, 2018. Fotografia, 9 x 5,8 cm.
Foto: Jhonata Silva (ex-Deus Mauá), acervo pessoal.

Já no Pará, na cidade de Juruti, a cena desenrola-se com foco nas tribos Munduruku e Muirapinima. O primeiro encontro das duas tribos ocorreu em 1995, durante o X Festival Folclórico. Nos eventos precedentes eram apresentadas quadrilhas, bois-bumbás e outros grupos folclóricos. A primeira "tribo" fundada foi a dos Mundurukus, em 1993. Um grupo de jovens, liderados por Adercias Batista, Carmen Barroso, Tim Tones Batista e Edvander Veiga, ao constatarem as deficiências no quadro cultural do município e a necessidade de tornar a apresentação mais atrativa, decidiu criar a Tribo Munduruku, com foco nas crenças, lendas e rituais dos antigos habitantes de Juruti. Para esses jovens, a riqueza cultural de um povo parte do conhecimento das origens. Os Munduruku pertenciam ao tronco tupi e ficaram conhecidos como os mais guerreiros da região, hostilizando todos os grupos vizinhos. Eram numerosos e indivíduos de alto porte, ficando conhecidos como *paiquicês* (ou seja, "cortadores de cabeça"). As cores da tribo moderna, defendida pelos jovens jurutienses, são o vermelho e o amarelo. A professora Aurecilia Andrade, em 1995, criou então a Tribo Muirapinima, em homenagem a índios que habitavam a região da Vila Muirapinima, dando nome à tribo concorrente (MONTEIRO, 1999).

“Encaixamento”: bois, cirandas, tribos e peixes-boi em dispersões

“Encaixamento” é proposta não colonizada, oriunda de nossos saberes locais. Traduz um termo que julgamos acontecer na relação das festas amazônicas com a parintinense. Traremos exemplos (não exaustivos) que visam desenvolver nossa leitura artística dos processos que se dispersam.

Encaixamento fala de um conteúdo que se imiscui em outro. Vem de “caiçara”, uma palavra polissêmica cujo sentido escolhido regional é aquele que se aproxima do “boi”, esse ser encantado, que brilha nos olhos amazônidas. A caiçara é construída quando a fazenda enche, limitando o território. A água “engole” a terra e a fazenda vai diminuindo a ponto de o gado precisar ser retirado e levado para a terra firme. Faz-se um encurralamento, de modo que a boiada só pode passar com um boi atrás do outro, por meio de um corredor fino de aproximadamente um metro, levando os animais para o barco. Este local que “currealiza” o boi, para levá-lo à terra firme, é a caiçara. Ela leva o animal à liberdade, mesmo que, para isso, ele tenha que ficar encurralado por um tempo.

A escolha deste termo metaforiza os processos de construções populares que se fazem em torno também do boi. Este animal, significado mi(s)ticamente (ASSAYAG, 1995), é conduzido na caiçara para poder dispersar-se em/por novas terras. O boi – agora o bumbá – “encaixara” as outras festas. Veja-se bem: “encaixarar” outras manifestações folclóricas não significa que elas apenas replicam o formato parintinense. De forma alguma. Significa que a magia parintinense “rizomatiza-se” nas culturas populares, de forma a entrelaçar e guiar também outras propostas pela região amazônica, até que essas festas explodem por si artisticamente. Para ilustrar o encaixamento, propomos três reflexões em torno de elementos comuns: alegorias, itens individuais e animal-totem. Cremos que algum leitor mais atento tenda a identificar, para nossa proposta, um sinônimo de “hibridismo cultural”. Não se trata disso.

Ainda que possamos entender a aplicação do conceito de Canclíni (1998) em *Culturas híbridas*, de que haveria uma mistura das manifestações culturais que fariam, por exemplo, a ciranda, o peixe-boi e as tribos apresentarem-se da forma como se apresentam por meio dessa mistura, nossa tese tem um sentido mais emotivo e artístico: extrapola-se o “misturar as culturas”, queremos englobar o *emocionar-se* que Parintins consegue obter.

O primeiro exemplo é elucidativo: o uso das alegorias. No regulamento do Festival Folclórico de Parintins, as alegorias correspondem ao item de julgamento 16, definidas como “estruturas artísticas”⁴ que funcionam como suporte cenográfico para a apresentação, tendo como méritos beleza, criatividade e originalidade e, como elementos comparativos em relação à agremiação contrária, acabamento, execução, estética e porte. Este modo de serem avaliadas encontra-se também nos regulamentos de outras festas.

Em geral, a alegoria ocupa nos festivais a função de cenário, gigantesca, cenotécnica, com base de ferro e, se possível financeiramente, com movimentos, de forma a aproximar-se da “antropofagia estética bumbalesca”. Como prova dessa aproximação com os bumbás,

emergem as características de certas figuras representadas alegoricamente. Veja-se, ilustrativamente a “cobra grande”, bastante comum nas apresentações: como os bois as apresentam - cobras com sobrançelas curtas que se alargam com uma ponta “de chifre”, queixos com “tentáculos”, tais quais os animais da cultura chinesa, e escamas pontiagudas como um dragão oriental, essa concepção própria reverbera nas demais festas dos interiores amazônicos, as quais adotam este modelo estético. Comparem as figuras 4 e 5.

Em 2018, quando desenvolveu o tema “Sabedoria Popular: uma revolução ancestral”, o boi-bumbá Caprichoso trouxe um módulo alegórico que representava a lenda do boitatá - uma imensa boiúna, cobra grande que “incendiava” no meio da arena por intermédio de fogos de artifício:



Figura 4. A lendária boitatá, alegoria de Juarez Lima e equipe, 2018.
Fotografia, 10 x 13 cm. Foto: TV Acrítica.

No mesmo ano, em agosto, a Ciranda Flor Matizada desenvolveu o tema “Poranduba”, trazendo a cobra genitora do mundo na visão Sateré-Maué, “Unhamangará”:



Figura 5. Unhamangará, alegoria do artista Pizano, 2018. Fotografia, 9,5 x 10 cm.
Foto: Idenílson Leal Photography.



Figura 6. Borboleta trazendo porta-estandarte da Tribo Munduruku, alegoria do artista Carivardo e Equipe, 2019. Fotografia, 11 x 9,5 cm. Foto: Wigder Frota.

Nesta primeira comparação, percebe-se a tentativa explícita de aproximação da Ciranda e do Festribal com o universo parintinense, ora por um critério de julgamento parafraseado, ora pelo uso do elemento alegórico que em muito se assemelha ao festival 2018. “Cobras e borboletas que inca(e)ndeiaram” são elementos que funcionam, que enchem os olhos, que exigem uma participação criativa do caboclo amazônico que vê nelas quase como uma constante da paisagem. A movimentação e os fogos emocionam.

No caso, ambas trazem o imaginário amazônico e, pela força com que a magnitude alegórica encanta, são escolhidas para trazerem itens individuais, seja ela a cunhã-poranga (a bela índia do boi), a porta-cores (na ciranda) ou a porta-estandarte (tribos). Não basta “mesclar” elementos, é preciso “emocionar”, “encher os olhos”, como o fez Parintins em junho.

O segundo exemplo são os itens individuais, especialmente os femininos. No boi-bumbá, como principais tem-se a sinhazinha da fazenda, cunhã-poranga, porta-estandarte e rainha do folclore. As estéticas das fantasias, o formato de evolução⁵ e mesmo as definições em regulamento são claramente encaixadas por Parintins, sendo “levadas” para Manacapuru, Novo Airão e Juruti. Compare-se um dos itens, a porta-estandarte, iniciando pelo regulamento dos Bumbás de Parintins (2019, on-line):

PORTA-ESTANDARTE. Individual. DEFINIÇÃO: Símbolo do Boi em movimento. MÉRITOS: Bailado, garra, desenvoltura, simpatia, elegância e alegria. ELEMENTOS COMPARATIVOS: Indumentária, estandarte, leveza, graça, sincronia de movimentos entre o bailado e o estandarte.

Agora, passemos ao Festival de Cirandas de Manacapuru, onde o item se chama “porta-cores”, conforme Regulamento (2019, on-line):

PORTA CORES. Individual. DEFINIÇÃO: Cirandeira que conduz o símbolo da Ciranda contendo as cores da agremiação, bem como a temática defendida, devendo expressar amor e zelo ao pavilhão. MÉRITOS: beleza plástica, bailado típico da Ciranda de Manacapuru, desenvoltura, leveza, simpatia e carisma. ELEMENTOS COMPARATIVOS: beleza plástica, expressão corporal, leveza, Indumentária, fantasia, estandarte da Ciranda, bailado típico da Ciranda de Manacapuru, simpatia, carisma, evolução e representatividade.

No Regulamento do Ecofestival dos Peixes-Boi de Novo Airão (2019, p. 7):

PORTA ESTANDARTE. Definição: Símbolo do peixe-boi em movimento. **Méritos:** Beleza, Bailado, garra, desenvoltura, simpatia, elegância e alegria. **Elementos Comparativos:** Beleza, Indumentária, estandarte, leveza, graça, sincronia de movimentos entre o bailado e o estandarte.

Se a comparação fosse estendida, não notaríamos muita diferença em relação ao regulamento do Festribal. Transcritos quase que *ipsis litteris*, não se precisa de muito esforço para inferir que Manacapuru, Novo Airão e Juruti são encaixadas por Parintins no que se espera do item feminino. Mas não fica só nisso. O fato de elas terem que se deslocar até a cabine dos avaliadores para dançarem, a incorporação de momentos-chave, a representatividade, contexto de apresentação e até mesmo materiais e estética das fantasias são semelhantes ao que Parintins faz. Poderíamos estender as comparações para os outros itens femininos, o que infelizmente não teremos oportunidade neste espaço:



Figura 7. Porta-estandarte do Boi Caprichoso, Marcela Marialva. Fantasia do artista Mário Oliveira, 2018. Fotografia, 9 x 11 cm. Foto: Portal do Marcos Santos.



Figura 8. Porta-cores da Ciranda Guerreiros Mura, Sabrina Salles. Fantasia do artista Marcelo Dias, 2019. Fotografia, 10 x 10 cm. Foto: Página do Facebook "Festival de Cirandas - Manacapuru".



Figura 9. Porta-estandarte do Peixe-Boi Jaú, Panmila Passos. Fantasia do artista Adriano Assis, 2017. Fotografia, 7 x 10 cm. Foto: Gustavo Mahé.



Figura 10. Porta-estandarte da Tribo Munduruku, Pollyana Vieira. Fantasia do artista Rodolfo Gomes, 2019. Fotografia, 11 x 9,5 cm. Foto: Wigder Frota.

O formato parintinense permite que o item chegue próximo da galera, os fundamentos do julgamento exigem das meninas o desenvolvimento em ato do amor pelo/a bumbá/ciranda/peixe-boi/tribo. As imagens escolhidas deixam transparecer no rosto o que se diz. O molde é parintinense.

Por fim, o último elemento que elegemos para ilustrar nossos argumentos é o do animal-totem (esse animal que se torna sagrado como um objeto de adoração), os quais, em todas as festas “morrem e ressuscitam” e cuja centralidade inicia-se em Parintins. No caso do boi-bumbá, o boi: excelso para várias culturas (ASSAYAG, 1995), no auto que rege a festa, adaptada para o contexto amazônico, o pajé o ressuscita depois de malfadadas tentativas. Em relação à ciranda, Andrade (1976 *apud* SILVA; BENTES, 2018) viu a encenação da dança no episódio de morte e ressurreição do pássaro carão, no Alto Solimões. No peixe-boi, o animal-totem é o próprio mamífero, cuja morte e ressurreição é contada na lenda que obrigatoriamente é encenada todo ano, sendo um item concorrente. Por fim, em Juruti, o “animal-totem” pode ser encarado como o próprio ser humano, exemplificado em vários ritos em que o pajé ressuscita outros índios, em conformidade com as diferentes culturas.

Com estas reflexões, esperamos deixar evidentes aquilo que chamamos encaixamento. Entendemos que o neologismo faz jus à atividade do artista, do crítico da arte. Se não se pode dar conta de todo o fenômeno, por ser ele extrapolador da racionalidade e do científico, a “emoção regionalizada que se dispersa”, partindo do boi-bumbá amazônico, segue o “corredor para a caiçara” atingindo os demais festivais amazônicos.

Considerações transitórias

O texto buscou falar de algumas “dispersões” nas festas populares amazônicas, destacando três delas com as quais mantemos contatos “mais de perto”, partindo de Parintins. Para explicar eventos que julgamos específicos, o termo “encaixamento” ilustra o que se “aprisiona” para depois se “libertar”. Este percurso metafórico de criação popular traduz modos de caminhar das inúmeras festas amazônicas, as quais nos sentimos à vontade para dissertar por nosso envolvimento.

Estes “jeitos de fazer” das artes na cultura popular mostram-se de extrema riqueza para reflexões e teorizações. Eles convidam o povo, um outro elemento em comum das festas, chamado de “galeras”. São aglomerações humanas “emocionadas” no Festival parintinense. Dos “trejeitos parintinenses” “dispersam-se” modalidades em verdadeiros “rizomas”, emoldurando outras produções que, a posteriori, adquirirão a cara de suas cidades e gentes. Rizomas que seguem a geografia amazônica das águas, em encaixamentos que ocorrem nas festas ribeirinhas de cidades às margens dos rios. Fluxos de brincantes, matérias que chegam, tudo é aquático: daí vidas que são “banhadas” a emergirem no povo em múltiplas dimensões, em formações identitárias várias – sentimos a falta de nos reunirmos em meio aos batuques e danças!

Entende-se que o objetivo do trabalho foi alcançado, deixando-se como sugestão novas pesquisas sobre os festivais amazônicos, visibilizando nossas formas de ser e existir no mundo. Por novas dispersões e “encaixamentos”!

¹ Expressão regional que, em uma local tradução, significaria o sentimento de outra expressão popular: “meter-se a besta”.

² De modo diferente de uma árvore, o rizoma faz conexões entre quaisquer situações. Bebemos na filosofia de Deleuze e Guatarri, cujo conceito de rizoma foi traduzido por Zourahichvili (2004, p. 98): “[...] nada de avanço significativo que não se faça por bifurcação, encontro imprevisível, reavaliação do conjunto a partir de um ângulo inédito”.

³ “Lotação” é o nome dado a um grupo de quatro pessoas, além do motorista, que paga para ser transportado a Manacapuru ou a Novo Airão (e outras cidades próximas a Manaus). No caso de Novo Airão o valor é maior, porque é mais distante de Manaus. Pode-se também ir de ônibus, neste caso, tendo-se de ir para a rodoviária de Manaus ou esperar próximo da Ponte sobre o Rio Negro.

⁴ O Festival foi criado por muitas mãos, não necessariamente artistas no sentido acadêmico. Entende-se que “estruturas artísticas” aproxima-se do artista autodidata, que utiliza o termo em um sentido não teorizado pela Academia.

⁵ Chama-se evolução ao momento em que o item concorre para os jurados, para obtenção de nota.

Referências

- ARRUDA, José. Tese e Antítese: a autoetnografia como proposta metodológica. In: VII Congresso Português de Sociologia: sociedade, crises e reconfigurações. Porto, **Anais eletrônicos...** 2012. Disponível em: http://www.aps.pt/vii_congresso/papers/finais/PAP0270_ed.pdf. Acesso em: 09 mai. 2020.
- ASSAYAG, Simão. **Boi-bumbá: festas, andanças, luz e pajelanças**. Rio de Janeiro: Funarte, 1995.
- BRAGA, Sérgio Ivan Gil. **Os bumbás de Parintins**. Rio de Janeiro: Funarte, 2002.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.
- COLI, Jorge. **O que é arte**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995. Coleção Primeiros Passos. 131p.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GOMBRICH, Ernst Hans. **A história da arte**. Rio de Janeiro: LTC, 2013.
- NAKANOME, Ericky da Silva; SILVA, Adan Renê Pereira da. “Boi de Negro”: origens do reconhecimento afro ao Boi de Parintins por intermédio da Arte. In: 28 Encontro Nacional dos Pesquisadores Nacionais em Artes Plásticas. Cidade de Goiás, **Anais...** 2019. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2019/PDF/ARTIGO/28encontro_NAKANOME_Ericky_da_Silva_e_SILVA_Adan_Ren%C3%AA_Pereira_da_116-130.pdf. Acesso em: 09 mai. 2020.

NOGUEIRA, Wilson. **Festas amazônicas: boi-bumbá, ciranda, sairé**. Manaus: Editora Valer, 2008.

MONTEIRO, Walbert. **A festa das tribos....** TV Liberal, on-line: 1999.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MANACAPURU. Secretaria Municipal de Cultura. **Regulamento do Festival de Cirandas de Manacapuru**. Manacapuru, 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE NOVO AIRÃO. Secretaria Municipal de Turismo. **Regulamento do Ecofestival do Peixe-Boi de Novo Airão**. Novo Airão, 2019.

PREFEITURA MUNICIPAL DE PARINTINS. Secretaria Municipal de Cultura. **Regulamento do Festival Folclórico de Parintins**. Parintins, 2019.

SILVA, Adan Renê Pereira da; CASTRO, Ewerton Helder Bentes de. **A construção identitária dos cirandeiros do Festival de Cirandas de Manacapuru**. São Paulo: Dialogar, 2018.

ZOURABICHVIU, François. O vocabulário de Deleuze, Rio de Janeiro. Relume Dumará, 2004.

Ericky da Silva Nakanome

Docente do curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Amazonas, campus Parintins. Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal da Bahia. Presidente do Conselho de Artes da Associação Cultural Boi-Bumbá Caprichoso. Contato: nakanome_85@hotmail.com.

Adan Renê Pereira da Silva

Doutorando em Educação e Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas. Especialista em História da Saúde na Amazônia pela Fiocruz. Psicólogo. Membro da Equipe de Criação e Artes do Peixe-Boi Jaú. Contato: adansilva.1@hotmail.com.